



EDIÇÕES DA SOCIEDADE  
"AMIGOS DA CIDADE"  
— SÃO PAULO —

Nº 5

HOMENAGEM  
A  
CARLOS GOMES

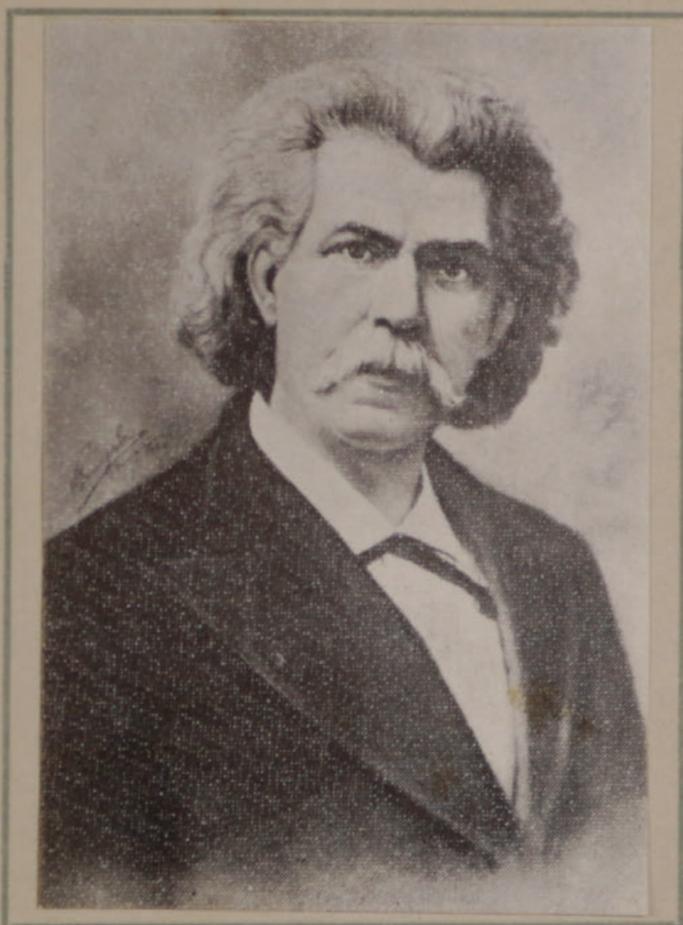
PELO SENHOR  
LUIZ BUENO DE MIRANDA

1º. TESOUREIRO DA  
SOCIEDADE  
"AMIGOS DA CIDADE"



Trabalho  
apresentado  
em sessão de  
7 de Julho de 1943

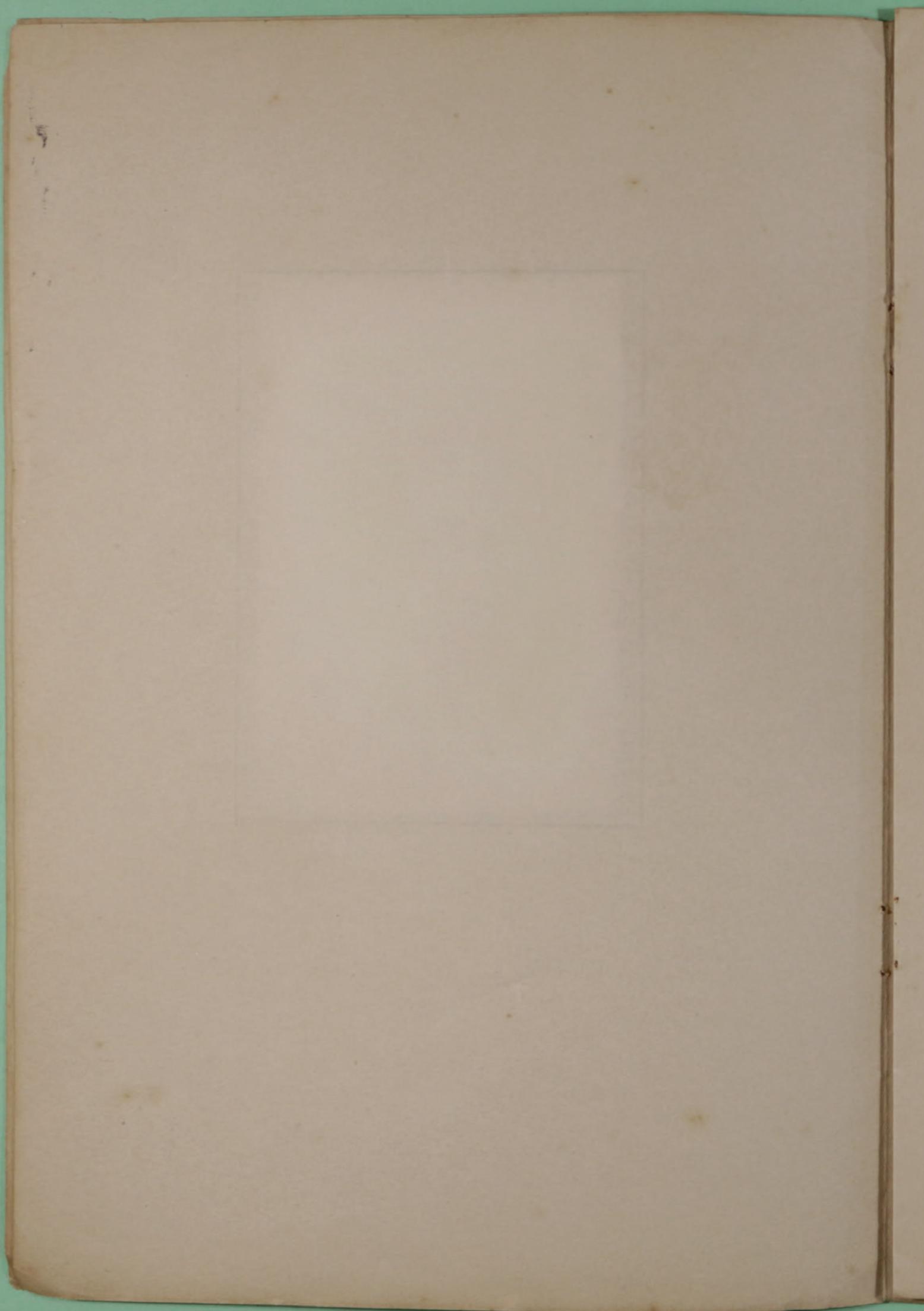




CARLOS GOMES

1836

1896





NESTE momento feliz para a nossa Capital, que se vê enfeitar, dia a dia, recebendo melhoramentos extraordinários como nunca imaginaram os seus habitantes, é oportuno lembrar, neste dia 16 de Setembro de 1940, aniversário do falecimento do grande maestro, a dívida que os paulistanos ainda não reconheceram: - trata-se de uma homenagem destes ao genial maestro Carlos Gomes.

Como os nossos patrícios retardassem em levantar um monumento digno do maior compositor musical das Américas, no seu tempo, os seus admiradores da colônia italiana, aqui domiciliados e chefiados pelo estimado professor de piano Luiz Chiaffarelli, grandes amigos do nosso país, entenderam de preencher esta falta.

Ali está, na esplanada do Teatro Municipal, um grandioso monumento em bronze com corpulenta figura e a cabeça do imortal maestro, ladeadas por duas belas figuras de mulher, em mármore branco.

Por ocasião da sua inauguração e por muito tempo, a corpulenta figura teve outra cabeça, que mais se parecia com a do General Pinheiro Machado.

Na opinião de um leigo, como eu, tal figura em atitude inclinada, de um pensador cansado, não foi bem escolhida para homenagear nem a Carlos Gomes, nem

a Pinheiro Machado, dois vultos erectos, sempre altivos e de cabeça levantada.

De acordo com os membros sobreviventes da comissão italiana que assumiu o encargo de erigir o monumento e outros novos membros que seriam nomeados, poderia a Prefeitura de São Paulo mandar estudar e substituir por outra a estátua acima referida.

As demais figuras, representando os Estados Unidos do Brasil, o Reino da Itália, a Glória sobre um carro alegórico puxado por três possantes e fogosos cavalos e mais as estátuas representando as óperas Guarani, Salvador Rosa, Maria Tudor, Lo Schiavo e a Fosca, formam um conjunto imponente e harmonioso em frente à estátua de Carlos Gomes, num plano inferior, no belo jardim aí existente.

No pedestal da grande estátua lê-se a seguinte inscrição:

*ANTÔNIO CARLOS GOMES*

*Ao grande espirito brasileiro que conjugou o seu gênio com a itálica inspiração, a Colônia Italiana de São Paulo no primeiro centenário da Independência do Brasil, em 7 de Setembro de 1922.*

Enquanto a colônia italiana, que tem compreensão do belo e da musica, em alto grau, assim lindamente procedia, um antigo governador do município da capital, logo após o falecimento do grande patricio, prestou-lhe homenagem mandando afixar uns pedaços de lata pintada, com as palavras "PRAÇA CARLOS GOMES", n'um buraco ao lado da rua Rodrigo Silva, que não é nem praça, nem rua e sim um simples apêndice desta rua.

Nessa época, tal "buraco" servia de depósito de lixo aos poucos e mesquinhos prédios aí existentes. Um

inimigo do maestro não encontraria local mais a seu gosto para enterrar tão glorioso nome.

Para os nossos patrícios moços, que pouco ou nada conhecem da vida de tão ilustre compatriota, passo a lhes contar resumidamente quem foi Carlos Gomes.

Nascido em Campinas em 11 de Julho de 1836, filho de familia musicista, ali estimada e com irmãos que foram notaveis professores de música, ele próprio, desde a sua infância, teve paixão pela linda arte.

Ainda menino, tornou-se notavel pelas suas aptidões e gosto pela música, seguindo para a Capital do país em 1860, a-fim-de iniciar os seus estudos de aperfeiçoamento no Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Em 4 de Setembro de 1861, foi cantada a sua primeira ópera "A Noite no Castelo" e, em 1863, a segunda, "Joana de Flandres", no Teatro Provisório, com grandes aplausos e admiração dos auditórios.

Nessa ocasião, D. Pedro II, imperador do Brasil, entendeu de manda-lo à Alemanha a-fim-de prosseguir seus estudos, Porém D. Tereza Cristina, a Imperatriz, filha de Nápoles, insistiu em que ele seguisse para a Itália, a estudar no Conservatório de Milão, para onde foi e onde se diplomou em 1866.

Dessa época em diante compôs ele muitas óperas de fôlego, ensaiadas e cantadas nos teatros da Itália, com successo.

Vejamos o que, entre outras cousas, escreveu Rodrigo Otávio a seu respeito, n'um longo artigo publicado por ocasião do centenário do seu nascimento: — "Carlos Gomes é uma das mais legítimas glórias de que o Brasil se pode ufanar. Ele foi um dos mais genuinos representantes

do sentimento artístico do seu tempo. Filho do Brasil, não deixou de proclamar, a todo o momento, sua origem e seu amor pela sua terra: ainda em seu testamento, escrito em Milão a 1º de Maio de 1893, ele adicionou à sua assinatura os qualificativos - brasileiro e patriota, filho do Brasil. E Verdi, já glorioso e consagrado, disse de Carlos Gomes, em a famosa noite da representação do Guarani, o conceito que em Milão recolheu a imprensa do tempo e o próprio Gomes comunicou, em carta, a Salvador de Mendonça: - *Questo giovane comincia da dove finisco io* - (este joven começa aonde eu termino). É essa a voz que nos vem da História e, no domínio da arte, o Brasil não ouviu outra mais eloquente. O velho caipira de Campinas se fez merecedor de todas as homenagens da sua terra."

Conforme escreveu Tapajós Gomes, em Milão, longe do Brasil mas com o Brasil no coração, usou o maestro desta frase: "entre o pensamento e a distância, não ha separação".

No afamado conservatório dessa cidade, fez Carlos Gomes os seus estudos e venceu, até que chegou o dia 19 de Março de 1870, dia da estréia da ópera "O Guarani". Nesse dia, embora o espetáculo fosse anunciado para as 20 horas, já ás 18 a policia fôra chamada para conter a multidão que se acotovelava nas cercanias do teatro Scala, tentando invadí-lo.

A formidável vitória de "O Guarani" afirmou-se desde o primeiro até ao último ato, com veementes aplausos e aclamações, durante os intervalos.

E, quando o pano desceu pela última vez, foi tal o delírio sem precedentes que se apoderou dos artistas,

das bailarinas, da orquestra, dos maestros, dos empregados do teatro e do público, n'uma tempestade de aplausos que durou meia hora, ao ponto de Carlos Gomes, emocionado em extremo, ter fugido para sua casa, onde os amigos foram encontra-lo exausto.

Durante muitos dias, a imprensa italiana rendeu-lhe merecidas homenagens.

Depois de repetidos triunfos na Itália, pátria de sua idolatrada espôsa Adelina Perí Gomes e da queda do seu profetor, D. Pedro II, o maestro, cansado e doente, sem recursos financeiros, resolveu em 1896 aceitar o convite do seu velho amigo Dr. Lauro Sodré, então governador do Estado do Pará, para vir dirigir o Conservatório de Música de Belém.

Aceito o convite, chegou ele à capital do Pará nesse mesmo ano, sendo recebido carinhosamente e hospedado em confortavel palacete da rua Quintino Bocaiuva, pelo Governador, ao qual o Congresso paraense concedeu amplos poderes para amparar o ilustre patricio.

O Congresso de São Paulo, nessa ocasião, mandou dar-lhe um auxilio mensal de dois contos de réis.

Agravando-se a moléstia do maestro, apesar dos cuidados e carinhos dispensados por Lauro Sodré e o seu povo amigo, veio ele a falecer nesse mesmo ano de 1896.

Tal noticia enlutou todo o Brasil e, em Campinas, sua terra natal, ela causou profunda consternação.

Uma comissão ali constituida, chefiada pelo Barão de Ataliba Nogueira e Cesar Bierrembach, tratou logo de pedir a Prudente de Moraes e a Campos Sales,

presidentes da República e do Estado de São Paulo, para se interessarem pelo transporte do corpo de Carlos Gomes para Campinas.

Este pedido foi atendido e ordens foram dadas no sentido de ser preparado o navio costeiro "Itaipú", para transportar de Belém para Santos os despojos do imortal patricio, sendo, logo depois, este navio transformado em cruzador e incorporado á nossa marinha de guerra com o nome de "Carlos Gomes".

De Santos a Campinas, em trem especial, seguiu o corpo do maestro, onde foi recolhido em 24 de Outubro de 1896 ao jazigo perpétuo da familia Ferreira Penteado, sua amiga, enquanto esperava a construção do monumento que deveria guardar eternamente, na sua cripta, tão preciosos despojos.

Em todos os portos do norte, no do Rio e no de Santos, nos quais tocou o "Itaipú", as homenagens prestadas ao admiravel compositor, pelo mundo official e pelas suas populações, foram grandiosas.

Entre Santos e Campinas, o mesmo aconteceu, sendo que na sua terra natal, Campinas, toda a população enlutada recebeu pesarosa o seu corpo, que representa um tesouro para ela.

Muitas capitais e cidades dos Estados do Brasil, já renderam homenagens condignas a Carlos Gomes, de maneira elegante e justa.

Em Campinas, graças aos esforços da comissão antes referida, inaugurou-se em 2 de Julho de 1905 o majestoso monumento com a grande e bela estátua do maestro, em bronze, executado pelo notavel escultor

Rodolpho Bernardelli, seu grande amigo e professor da Escola de Belas Artes do Rio.

673

A capital de São Paulo não pode demorar por mais tempo em cumprir o dever de homenagear con- dignamente tão grande compatriota.

Conheci Carlos Gomes, esbelto e altivo, com a sua basta cabeleira de maestro, em 1889, em Campinas, em casa de seu irmão o maestro José de Sant'Anna Gomes, por ocasião da visita que ele fez aos seus parentes, ali então residentes, e, em 1891, visitei-o em Milão.

Na sua vinda a Campinas, parou ele na Capital do Império para oferecer sua magistral ópera "O Es- cravo" à princeza Izabel, à Redentora, em homenagem à Regente que teve a sorte de assinar o decreto que aboliu a escravidão no Brasil.

Agora que, para felicidade nossa, temos como Prefeito Municipal um grande urbanista, defensor incan- savel das nossas gloriosas tradições, esperamos que, por seu intermédio, a Capital do Estado de São Paulo veja reparada a falta de alguns dos seus antigos adminis- tradores, dando o nome de "Carlos Gomes" a uma das suas mais importantes praças ou avenidas centrais.

673



POCA